

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
CAMPUS LITORAL NORTE
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO – CIÊNCIAS DA
NATUREZA

MARIZA IZABEL CAVALHEIRO RIBEIRO RAMOS

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**OS SUJEITOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS DA ESCOLA
MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL ESTADO DE SANTA CATARINA,
IMBÉ/RS: UM OLHAR SOBRE ENSINAR E APRENDER CIÊNCIAS.**

Tramandaí – RS

2019

MARIZA IZABEL CAVALHEIRO RIBEIRO RAMOS

**OS SUJEITOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS DA ESCOLA
MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL ESTADO DE SANTA CATARINA,
IMBÉ/RS: UM OLHAR SOBRE ENSINAR E APRENDER CIÊNCIAS.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal do Rio Grande do Sul –
Campus Litoral Norte, como requisito parcial e
obrigatório para a obtenção do título de Licenciada
em Educação do Campo - Ciências da Natureza.

Orientadora: Prof. Dra Elisete Enir Bernardi Garcia

Data de aprovação: 03 de julho de 2019.

BANCA EXAMINADORA

PROF^a DR^a ELISETE ENIR BERNARDI GARCIA (ORIENTADORA)

PROF^o DR^o ANDRÉ BOCCASIVUS SIQUEIRA

PROF^a DR^a ANGELA CARINE MOURA FIGUEIRA

CIP - Catalogação na Publicação

Ramos, Mariza Izabel Cavalheiro Ribeiro
OS SUJEITOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS DA
ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL ESTADO DE SANTA
CATARINA, IMBÉ/RS: UM OLHAR SOBRE ENSINAR E APRENDER
CIÊNCIAS / Mariza Izabel Cavalheiro Ribeiro Ramos. --
2019.

47 f.

Orientadora: Elisete Enir Bernardi Garcia.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Campus
Litoral Norte, Licenciatura em Educação do Campo,
Tramandaí, BR-RS, 2019.

1. Educação de Jovens e Adultos. 2. Estudantes. 3.
Professores. 4. Ciências. I. Garcia, Elisete Enir
Bernardi, orient. II. Título.

AGRADECIMENTO

Agradeço a Deus pela oportunidade de estudar em uma universidade pública, gratuita e de qualidade, à UFRGS. Pelo PRONACAMPO, enquanto projeto federal que ampara os professores das escolas do campo.

Em especial a minha Orientadora Professora Doutora Elisete Enir Bernardi Garcia, que me amparou desde o primeiro dia de aula, evidenciando minha capacidade e contribuindo para minha evolução a cada dia.

A minha querida, Professora Doutora Angela Carine Moura Figueira, por também ter acreditado em mim e estar sempre presente e disposta a auxiliar-me.

Ao grupo de professores que contribuíram na minha formação humana.

A Universidade Federal do Rio Grande do Sul pelo Campus Litoral Norte e pela Licenciatura em Educação do Campo, em nome das direções da universidade e campus;

Agradeço imensamente aos servidores da universidade sempre dispostos a auxiliar em qualquer dificuldade;

Agradeço ao Programa de Assistência Estudantil – PRAE, pelos auxílios financeiros e as bolsas que oferta, possibilitando a permanência enquanto estudantes da instituição;

Aos queridos colegas do coletivo Gaia, que fizeram parte desta jornada, agradeço.

Agradeço a minha família e amigos que me incentivaram e estiveram juntos comigo nesta caminhada.

E, por último, não menos importante, em especial meu amado marido e colega João Ramos, companheiro de todas as horas, que com amor, carinho e dedicação sempre esteve comigo em todas as etapas do curso e com certeza, sem este auxílio eu não teria concluído esta Licenciatura.

Se na verdade, não estou no mundo para simplesmente a ele me adaptar, mas para transformá-lo sem um certo sonho ou projeto de mundo, devo usar toda possibilidade que tenha para não apenas falar de minha utopia, mas participar de práticas com ela coerentes (FREIRE, 2000, p. 17).

RESUMO

O presente estudo busca conhecer os sujeitos (estudantes e professores) da Educação de Jovens e Adultos (EJA) da Escola Municipal de Ensino Fundamental Estado de Santa Catarina de Imbé/RS na relação com o ensinar e aprender ciências. Objetivou-se buscar respostas para uma análise sobre a metodologia dos professores de ciências, se estes contemplam as ansiedades dos estudantes contextualizando saberes empíricos aos saberes científicos, se utilizando da pesquisa científica e se os estudantes se sentem motivados e inseridos satisfatoriamente no processo ensino-aprendizagem. A pesquisa utilizou-se de questionários e observação participante com os estudantes nos períodos das aulas de Ciências. A análise dessa investigação indica que os estudantes priorizam a contextualização dos conteúdos com suas realidades para compreenderem melhor o ensinar e aprender Ciências. Ressaltaram que a pesquisa científica precisa ser mais explorada nas aulas. Os estudantes demonstraram que não pretendem mudanças no currículo escolar, que pode ficar como está. Apesar do foco da pesquisa não ser referente ao trabalho, observou-se que a maioria deseja terminar rápido seus estudos para ter acesso com melhores condições ao mundo do trabalho.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos, Estudantes, Professores, Ciências.

ABSTRACT

The present study get to know the subjects (students and teachers) of Youth and Adult Education of Estado de Santa Catarina Municipal School, In Imbé RS, in relation to teaching and learning Sciences. The objective was to seek answers for an analysis of the methodology of Science Teacher's, if they contemplate the anxieties of the students, contextualizing empirical knowledge to scientific knowledge, using scientific research and if the students feel motivated to be inserted satisfactorily in the teaching-learning process. The research was based on questionnaires and participatory observation with students during science classes. The analysis of this research indicates that the students prioritize the contextualization of the contents with their realities so that the science education becomes more understandable. They emphasized that scientific research needs to be further explored in class. Students have demonstrated that they do not want changes in the school curriculum. Although the focus of the research is not referring to the labor market, it was observed that the majority want to finish their studies quickly in order to have access to the labor market in better conditions.

Key words: Youth and Adults Education, Students, Teachers, Sciences.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EJA	Educação de Jovens e Adultos
EMEF	Escola Municipal de Ensino Fundamental
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
FGTAS	Fundação Gaúcha do Trabalho e Ação Social
SINE	Sistema Nacional de Empregos
UNESCO	Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Idade e sexo

TABELA 2 - Por que escolheu a EJA

TABELA 3 - Quais as dificuldades encontradas para concluir os estudos

TABELA 4 – Considera importante tematizar o contexto dos estudantes na escola

TABELA 5 – Como vê a organização curricular da EJA e o que deveria ser diferente na organização curricular para atender as necessidades dos estudantes da EJA

TABELA 6 – O que a modalidade EJA representa para você

TABELA 7 – Pretende continuar os estudos no Ensino Superior

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. PERCURSOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA	14
2.1. Metodologia	14
2.2. Revisão de Literatura	15
3. IDENTIDADE E TRAJETÓRIA DA EJA NO BRASIL: UM PERCURSO PELOS MARCOS LEGAIS	18
4. DISCUSSÃO E ANÁLISES DOS RESULTADOS	23
4.1. Locus da Pesquisa	23
4.2. Perfil dos sujeitos da EJA	25
5. CONCLUSÃO	38
REFERÊNCIAS	42
APÊNDICES	45

1. INTRODUÇÃO

O interesse por pesquisar a temática de Educação de Jovens e Adultos (EJA) surgiu a partir de um trabalho de pesquisa sobre o diagnóstico do município de Imbé - RS¹ realizado no segundo semestre do curso de graduação em Licenciatura em Educação do Campo - Ciências da Natureza, onde constatou-se que, segundo consta no site do IBGE/2016, de uma população aproximadamente de 20 mil habitantes, que o mesmo oferecia apenas duas escolas com a modalidade EJA que era oferecida no noturno, sendo uma de Ensino Fundamental e a outra de Ensino Médio. Assim a temática despertou o interesse em saber se estas escolas atendiam a população de todo o município e qual seria a real necessidade dos sujeitos envolvidos na modalidade EJA.

Ter realizado três estágios entre o ano de 2018 e 2019 nesta área, bem como a sequência do curso oportunizou um projeto de pesquisa onde buscou-se saber os motivos que levaram os estudantes da EJA da Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) Estado de Santa Catarina a frequentarem a EJA.

Justifica-se, primeiramente, este trabalho pelo interesse de pesquisar sobre a modalidade EJA. Segundo, pela relevância social da temática, pois consideramos que estudar, independentemente da idade, é um direito humano, garantido pela constituição. A EJA possui especificidades pedagógicas próprias, e as especificidades dos sujeitos formam aquilo que chamamos de perfil desta modalidade.

Optamos por esta pesquisa com foco em conhecer o perfil dos sujeitos de EJA por creditar que é importante dar uma contribuição para a organização pedagógica à escola a fim de atender os processos que envolvem o ensinar e aprender ciências. Considerando o comprometimento de possibilitar uma educação que desenvolva aos interesses emancipatórios dos sujeitos, principalmente os estudantes, pois possuem características singulares referentes ao processo de ensino e aprendizagem.

A EJA, conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei 9394/96, é uma modalidade da Educação Básica (Ensino Fundamental e Médio) e assim sendo é uma política pública que assiste pessoas que não puderam ou não tiveram a chance de estudar no tempo considerado como “adequado” e que buscam

¹ Diagnóstico realizado como trabalho do componente curricular Seminário Integrador II, do curso de Licenciatura em Educação do Campo – Ciências da Natureza.

uma segunda chance para por meio do conhecimento ingressar no mundo do trabalho, qualificado ou não. Neste sentido, destacamos as três funções da EJA definidas no Parecer 11/2000 (p. 6-10) do Conselho Nacional de Educação que é reparadora, equalizadora e qualificadora: a função reparadora significa não só a entrada no circuito dos direitos civis pela restauração de um direito negado, mas também o reconhecimento da igualdade ontológica (humana) de todo sujeito. A equalizadora assegura a reentrada no sistema educacional dos que tiveram uma interrupção forçada pela repetência ou pela evasão, ou ainda pelas desiguais oportunidades de permanência ou outras condições adversas. Conforme o Parecer CNE 11/2000.

O acesso ao conhecimento sempre teve um papel significativo na estratificação social, ainda mais hoje quando novas exigências intelectuais, básicas e aplicadas, vão se tornando exigências até mesmo para a vida cotidiana. Mas a função reparadora deve ser vista, ao mesmo tempo, como uma oportunidade concreta de presença de jovens e adultos na escola e uma alternativa viável em função das especificidades sócio-culturais destes segmentos para os quais se espera uma efetiva atuação das políticas sociais. É por isso que a EJA necessita ser pensada como um modelo pedagógico próprio a fim de criar situações pedagógicas e satisfazer necessidades de aprendizagem de jovens e adultos (BRASIL, 2000).

E qualificadora é a função que entende ser o conhecimento composto por um processo permanente e que é adquirido ao longo da vida e por isto reconhece que a EJA tem como base o caráter incompleto do ser humano, pois este aprende por toda a vida.

Esta tarefa de propiciar a todos a atualização de conhecimentos por toda a vida é a função permanente da EJA que pode se chamar de qualificadora. Mais do que uma função, ela é o próprio sentido da EJA. Ela tem como base o caráter incompleto do ser humano cujo potencial de desenvolvimento e de adequação pode se atualizar em quadros escolares ou não escolares (BRASIL, 2000).

Pode-se dizer que a EJA é uma modalidade de ensino que está para além dos processos formais, ela engloba também a educação não formal. Assumiu diferentes compreensões no seu percurso histórico em relação a sua obrigatoriedade. Ao falar sobre o tema, Garcia (2011) nos alerta de que ao longo de nossa história vemos diferentes grupos sociais tendo seu direito à educação escolar negado ou desigualmente usufruído.

Desta forma, destacamos a definição presente na Declaração de Hamburgo sobre Educação de Adultos publicada na V Conferência Internacional sobre Educação de Adultos (V CONFINTEA - 1997) sobre a EJA e seus diferentes processos de aprendizagens formais e informais

onde pessoas consideradas “adultas” pela sociedade desenvolvem suas habilidades, enriquecem seu conhecimento e aperfeiçoam suas qualificações técnicas e profissionais, direcionando-as para a satisfação de suas necessidades e as de sua sociedade. A educação de adultos inclui a educação formal, a educação não formal e o espectro da aprendizagem informal e incidental disponível numa sociedade multicultural, onde os estudos baseados na teoria e na prática devem ser reconhecidos.

Ao pensar nos sujeitos-educandos, alguns questionamentos surgem em torno de suas realidades e contextos e que nos provocam a pensar se os conhecimentos possibilitados nas aulas de ciências são satisfatórios a estes sujeitos, pois além do acesso à educação é preciso garantir qualidade.

Assegurar o direito à educação é viabilizar uma proposta que, além de possibilitar a elevação da escolaridade, acredite e respeite os diferentes tempos, espaços e saberes que constituem os sujeitos. Dito de outra forma, um efetivo trabalho curricular que contemple a diversidade na aprendizagem e a atuação democrática dos sujeitos (GARCIA, 2011).

Assim, um dos objetivos desta pesquisa foi investigar se os estudantes da EJA do Ensino Fundamental dos anos finais estão satisfeitos com a metodologia utilizada pelos professores na área de Ciências da Natureza. Para tanto, foi necessário mapear o perfil dos estudantes dos módulos finais da EMEF Estado de Santa Catarina no município de Imbé/RS.

2. PERCURSOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

2.1. Metodologia

A pesquisa trata de um estudo de caso, com uma abordagem qualitativa, utilizando-se de diálogos, questionários, diário de bordo e observação participante. Este trabalho visa discutir um olhar sobre ensinar e aprender ciências nos anos finais da EJA, Ensino Fundamental. Os questionários foram estruturados com treze perguntas e respondidos por catorze estudantes com idades entre quinze e cinquenta e um anos, das turmas 3B (Módulo III) e 4B (Módulo IV) da EMEF Estado de Santa Catarina no município de Imbé/RS, conforme consta no anexo e na análise deste trabalho.

A observação participante foi realizada em diferentes momentos na escola acima indicada. Apostamos nesta metodologia, pois conforme GIL (2010, p.26) “o processo de pesquisa envolve as questões e os procedimentos que emergem, os dados tipicamente coletados nos ambientes dos participantes”.

Além dos questionários e de diálogos, a observação participante, permitiu à pesquisadora um relacionamento mais estreito com o âmbito escolar, uma vez que a mesma já realizou estágio supervisionado na EJA da escola pesquisada, quando do sexto semestre do curso de graduação em Licenciatura de Educação do Campo - Ciências da Natureza, no ano de 2018. Ao longo do estágio supervisionado, a pesquisadora fez amizade com os professores, estudantes, funcionários e equipe diretiva da EJA e por tratar-se de uma escola próxima de onde a mesma reside, tornou-se uma possibilidade acessível.

É importante este relacionamento com a escola, com a finalidade de compreender seu funcionamento e fazer com que os pesquisados se sintam confortáveis com presença da pesquisadora possibilitando assim a participação em suas rotinas sem colocá-los numa situação de constrangimento. Sobre esse aspecto, corroboro com Kutter e Eichler (2009) quando afirmam que

(...) tornar-se um participante do grupo estudado, após aceitação das pessoas que o compõem, é presenciar e compartilhar das vivências, do cotidiano, das rotinas, é estar ocupando, de fato, um lugar dentro desta rede de interações sociais e apreendendo informações que não seriam identificadas por um pesquisador que não estivesse nessa condição de partilhamento (KUTTER e EICHLER, 2009, p.115).

Outro instrumento de pesquisa se fez necessário: O diário de bordo. As constantes visitas à escola geram materiais de análises que, se não forem registradas, podem perder fidedignidade na hora da escrita, pois a memória nem sempre se refere ao que vemos, mas ao que significamos e res-significamos. Assim, nele constam observações, relatos dos entrevistados, reflexões, impressões e materiais didáticos utilizados pelos professores.

É importante ressaltar que os dados empíricos que foram coletados cooperaram para a compreensão do tema que foi analisado com apoio de estudo bibliográfico, sendo a sustentação deste trabalho e apresentando a visão de alguns autores, como parte fundamental desta pesquisa.

2.2. Revisão de Literatura

Em se tratando de um estudo de caso, que visa ensinar e aprender ciências na EJA Ensino Fundamental anos finais, foi necessário um levantamento prévio sobre o tema em pesquisas relacionadas com as seguintes palavras chaves: Metodologias de ciências e sujeitos da EJA, no repositório Lume da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Dos trabalhos de pesquisa encontrados, destacamos seis que tiveram relação com o ensino aprendizagem em salas de aula de ciências e suas conclusões:

PERTILE, Ângela Marin (2011) investiga se as peculiaridades da EJA estão sendo contempladas na formação dos professores que atuam nesta modalidade, como também analisa as propostas pedagógicas e os recursos didático-pedagógicos utilizados, problematizando os olhares dispensados à EJA no espaço investigado. LOPES, Desiane dos Santos (2012) afirma que a formação básica dos professores que atuam na EJA, não contempla as especificidades deste público, pois se utilizam de algumas práticas voltadas para o público infantil, desrespeitando assim esse educando.

SANTOS, Márcia Aparecida (2010) ressaltar a contribuição de Paulo Freire na educação popular, perpassando pela história da EJA no Brasil, tendo como ponto fundamental o respeito à cultura dos sujeitos, onde o professor que atua nas classes de EJA deve refletir sobre sua prática pedagógica, para auxiliar na formação de cidadãos conscientes de seu papel na sociedade.

SEIDEL, Susana (2011) traz uma reflexão tentando responder a uma inquietação, onde ela se pergunta de que forma pode-se trabalhar com estes sujeitos, uma vez que a carga horária é pequena e são muitos conteúdos a serem aprofundados, acabando por perder o sentido e a avaliação fica prejudicada. Também pondera em sua pesquisa, que os professores reclamam do número cada vez maior de jovens muito jovens e assim se veem no desafio constante de encontrar estratégias que contemplem a todas as especificidades dos sujeitos desta modalidade, visando às pessoas com mais idade que ali também se encontram.

SCHONARDIE, Adriana Tomiello (2012) centraliza sua pesquisa na EJA Ensino Fundamental, séries finais, buscando relacionar as atividades pedagógicas dirigidas para que estimulem e desenvolvam as potencialidades dos sujeitos envolvidos, ou seja, reflexões acerca do trabalho docente condizer com a especificidade da modalidade. Conclui que os caminhos formativos de docentes devem ser específicos para esta área de educação, visando atender a realidade social destes sujeitos.

MARQUEZ, Sandra (2010) busca a história da EJA no Brasil e suas perspectivas futuras, procurando refletir sobre a metodologia, currículo, público e postura dos docentes da EJA, onde observa a necessidade de se rever e reelaborar o currículo e a metodologia da EJA, pois afirma que este universo está muito estanque, onde professores realizam atividades infantilizadas iguais às do ensino sequencial, esquecendo das particularidades dos sujeitos de EJA. Relata que o currículo da EJA traz um ensino fragmentado e sem vínculo com a realidade dos estudantes.

As autoras tomam como base em suas pesquisas as análises em torno de metodologias satisfatórias para os anseios dos estudantes da modalidade EJA. Nessa perspectiva, a metodologia implica em algumas condições variáveis conforme o contexto ao qual os sujeitos pertencem. A noção de métodos apropriados ao ensino em geral e também de ciências na EJA, ainda deriva de alguns aspectos a serem observados na concepção de mundo como objeto em construção onde o professor se coloque no lugar do educando, acrescentando mudanças, abrindo para outras possibilidades de significações do contexto vivido pelos sujeitos que frequentam a EJA. A criatividade abre um espaço maior para interações e o educando torna-se um sujeito ativo na atividade proposta.

Com estas pesquisas podemos inferir que é preciso investigar como ensinar e aprender ciências com o educando de EJA em espaços formativos e não formativos que contemple sua curiosidade e sua formação que deve ser preparada para viver em

sociedade, para o mundo do trabalho e para o viver bem. Propostas metodológicas específicas para os anos finais do ensino fundamental de EJA podem ser exploradas numa parceria entre professor e educando, buscando contextualizar suas realidades.

Esse educando deve ser preparado para ingressar no ensino médio, no curso superior ou no mundo do trabalho. É preciso explorar seus anseios, instigando o fazer científico, a curiosidade e a pesquisa que é interessante e significativa para jovens e ao mesmo tempo para adultos nessa etapa. Sabe-se que de acordo com as pesquisas aqui apresentadas, a devida atenção com esse educando está deixando a desejar, incluindo em muitos casos o despreparo dos professores que atuam na EJA. Profissionais que deveriam desenvolver a capacidade de selecionar conteúdos, utilizar procedimentos e criar alternativas que possibilitem uma atuação adequada a estes sujeitos atendendo às suas especificidades.

Assim, a partir dos trabalhos analisados notamos que é preciso problematizar a abordagem metodológica de professores de ciências na EJA, investigando se a proposta pedagógica da escola contempla o contexto social e cultural de seus estudantes e se a prática pedagógica em ensino de ciências vem ao encontro das necessidades dos estudantes de EJA.

3. IDENTIDADE E TRAJETÓRIA DA EJA NO BRASIL: UM PERCURSO PELOS MARCOS LEGAIS

A educação de jovens e adultos no Brasil é formada por “marcas e marcos históricos”² e seus protagonistas podem ser identificados pelos movimentos sociais, órgãos públicos, universidades, movimentos de igrejas, algumas iniciativas de empresas privadas, iniciativas individuais ou de pesquisadores decididos a enfrentar o problema da existência de uma enorme população que não teve a oportunidade de frequentar a escola ou até mesmo por situações de não conclusão principalmente da primeira etapa da educação básica.

Com os registros históricos ou até sem eles podemos dizer que a educação de jovens e adultos ultrapassa os muros da escola, visando sonhos e expectativas das pessoas que por vários motivos tiveram que interromper seus estudos ou nem ingressaram nestes, por conta de ter que trabalhar para sobreviver ou talvez por não ter o acesso à escola pela dificuldade de morar muito longe desta.

Podemos observar que a EJA traz consigo uma perspectiva de mudança de vida que visa expectativas para um viver melhor, para concluir os estudos, para realizar um sonho e muitas vezes dito pelos sujeitos de que querem estudar para “ser alguém na vida”. Assim, independentemente dos motivos que levam os sujeitos desejarem estudar, entende-se a EJA como um direito dos cidadãos garantido na Constituição Federal. De acordo com o artigo 208 da Constituição Federal de 1988: “o dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de: ensino fundamental obrigatório e gratuito assegurada inclusive, sua oferta gratuita para todos os que a ele não tiveram acesso na idade própria” (BRASIL, 1988).

Na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB nº 9394/96, a regulamentação da oferta nos sistemas de Ensino está registrada, especialmente nos artigos 37 e 38, determinando-a como uma política pública na forma de modalidade de educação do Ensino Fundamental e Médio:

Art. 37. A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos nos ensinos fundamental e médio na idade própria e constituirá instrumento para a educação e a aprendizagem ao longo da vida (Redação dada pela Lei nº 13.632, de 2018).

§ 1º Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades

² Material de aula da professora Elisete Enir Bernardi Garcia

educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames.

§ 2º O Poder Público viabilizará e estimulará o acesso e a permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si.

§ 3º A educação de jovens e adultos deverá articular-se, preferencialmente, com a educação profissional, na forma do regulamento. (Incluído pela Lei nº 11.741, de 2008) (BRASIL, 1996).

No Artigo 38 da Lei (9394/96) define as idades para a modalidade EJA: Para os maiores de quinze anos é possível ingressar no ensino fundamental e maiores de dezoito é possível ingressar no ensino médio:

Art. 38. Os sistemas de ensino manterão cursos e exames supletivos, que compreenderão a base nacional comum do currículo, habilitando ao prosseguimento de estudos em caráter regular.

§ 1º Os exames a que se refere este artigo realizar-se-ão:

I - no nível de conclusão do ensino fundamental, para os maiores de quinze anos;

II - no nível de conclusão do ensino médio, para os maiores de dezoito anos. (BRASIL, 1996).

Destacamos, ainda, que neste artigo, consta no inciso 2º, que os “conhecimentos e habilidades adquiridos pelos educandos por meios informais serão aferidos e reconhecidos mediante exames” (BRASIL, 1996, Seção 5, Artigo 38, § 2º).

É importante ressaltar que a EJA deve ofertar a mesma carga horária do Ensino Fundamental, que são de 3.200 horas, mas o estudante tem direito ao “seu tempo”, ou seja, no mesmo ano poderá progredir, mudar de módulo, dependendo de sua capacidade.

No contexto da regulamentação para as escolas que estão sob a égide do Conselho Estadual de Educação do Rio Grande do Sul estão acontecendo mudanças no entendimento geradas pela Resolução do CEED N° 343, de 11 de abril de 2018, principalmente nos aspectos da idade mínima para ingresso que passa de 15 para 18 anos, conforme:

Art. 5º A idade mínima para o ingresso na EJA noturna e EJA EaD, no ensino fundamental e médio é de 18 (dezoito) anos completos.

§1º Haverá prioridade na implantação de programas diferenciados, de acordo com o artigo 23 da LDBEN, para atendimento diurno para jovens de 15 (quinze) a 17 (dezessete) anos, em defasagem idade/etapa escolar, na modalidade EJA ou sequencial.

§2 A adequação dos programas referidos no parágrafo anterior deve ser avaliada, no prazo de 5 (cinco) anos, pelas mantenedoras e, no caso das mantenedoras públicas, em colaboração com a UERGS.

§3º A partir de 02 de janeiro de 2020, não serão permitidas novas matrículas na EJA noturna para estudantes com idade inferior a 18 (dezoito) anos, respeitando-se o disposto no artigo 1º desta Resolução.

Art. 7º A modalidade EJA deve organizar-se para atender os interesses de aprendizagem e desenvolvimento dos estudantes jovens, adultos e idosos (RIO GRANDE DO SUL, 2018).

Com estas mudanças previstas pela referida Resolução, conforme já mencionado, a idade mínima para ingressar na EJA de 15 passa para 18 anos, tanto no ensino fundamental quanto no ensino médio. Sendo que as instituições de ensino devem oferecer condições, de acordo com o Regimento Escolar, de permanecer com os jovens que estão no ensino sequencial com idade de 15 a 17 anos. Também há a possibilidade destes jovens frequentarem a EJA diurna.

A condição de EJA a distância é uma novidade que requer aos professores serem especialistas habilitados em nível superior, com pós-graduação *lato sensu* ou *strictu sensu* no campo da Educação a Distância. Observa-se também que nesta Resolução enfatiza os sujeitos idosos e não apenas jovens e adultos. Consideramos importante esta ênfase, visto que as turmas de EJA são compostas por sujeitos idosos, jovens e adultos.

A Resolução em sua justificativa, diz que se criou uma cultura errada nas escolas de ensino sequencial que “procuram livrar-se” de adolescentes que completam 15 anos e repetentes são enviados compulsoriamente para a EJA noturna, criando assim inúmeras dificuldades para o próprio adolescente, bem como para os professores, que ficam com seu trabalho cada vez mais dificultado com esta demanda de jovens muito jovens na EJA, misturados a adultos e idosos.

Outro importante aspecto nesse debate é o fato de que a realidade revela a privação de direito aos adolescentes de poderem frequentar a Educação Básica fora da EJA, pois existe uma cultura nas escolas diurnas de promoção do ingresso de adolescentes que completam 15 anos nessa modalidade. Esses estudantes, que ainda se encontram na faixa etária de escolarização obrigatória, são conduzidos, muitas vezes compulsoriamente, à oferta noturna. Tal prática conflitua com a definição de que a Educação de Jovens e Adultos se destina a jovens, adultos e idosos que não tiveram acesso à educação obrigatória na idade própria.

Analisando todos estes aspectos colocados até aqui, que os direcionamentos dados à EJA por vias diversas procura abranger a possibilidade de se construir uma proposta pedagógica juntamente com a comunidade escolar a fim de atender os

anseios dos sujeitos-educandos que estão inseridos neste tipo de modalidade, ratificando as três funções da EJA definidas no Parecer 11/2000 do Conselho Nacional de Educação (reparadora, equalizadora e qualificadora). Assim sendo cabe salientar a Resolução CNE/CEB nº1/2000 Art.5º, parágrafo único que define que a identidade dos sujeitos-educandos de EJA como modalidade destas etapas da Educação Básica:

a identidade própria da Educação de Jovens e Adultos considerará as situações, os perfis dos estudantes, as faixas etárias e se pautará pelos princípios de equidade, diferença e proporcionalidade na apropriação e contextualização das diretrizes curriculares nacionais e na proposição de um modelo pedagógico próprio, de modo a assegurar:

I - quanto à equidade, a distribuição específica dos componentes curriculares a fim de propiciar um patamar igualitário de formação e restabelecer a igualdade de direitos e de oportunidades face ao direito à educação;

II- quanto à diferença, a identificação e o reconhecimento da alteridade própria e inseparável dos jovens e dos adultos em seu processo formativo, da valorização do mérito de cada qual e do desenvolvimento de seus conhecimentos e valores;

III - quanto à proporcionalidade, a disposição e alocação adequadas dos componentes curriculares face às necessidades próprias da Educação de Jovens e Adultos com espaços e tempos nos quais as práticas pedagógicas assegurem aos seus estudantes identidade formativa comum aos demais participantes da escolarização básica. (CNE/CEB nº1/2000 Art.5º).

Assim, os saberes e conhecimentos curriculares devem relacionar aos princípios da contextualização e do reconhecimento de identidades pessoais e das diversidades coletivas, pois os sujeitos-educandos possuem história e experiências sociais diferenciadas e geralmente com desfavorecimento social. Professores precisam ficar atentos para que os meios metodológicos atendam às expectativas e aptidões desta modalidade, onde estes estudantes estão inseridos e procurar não infantilizar os conteúdos e criar propostas pedagógicas como se eles fossem crianças ou adolescentes.

Os documentos legais aqui reportados indicam que é preciso observar que a modalidade em sua maioria é oferecida no noturno, onde o cansaço está presente fazendo do perfil destes educandos um aspecto de relevância. Por isto é preciso uma flexibilidade no currículo que aproveite as experiências diversas que estes estudantes trazem consigo, fazendo interlocuções entre aprendizado na sala de aula e o dia a dia dos estudantes e assim poder constituir temas geradores a ser investigado e analisado a partir da visão de mundo contextualizada na linguagem dos estudantes.

Podemos ressaltar que o tema gerador deve ser extraído da realidade que o educando vivencia, pois tem como objetivo a conscientização política do mesmo para

a transformação da sociedade. Assim, tanto professor quanto educando buscam palavras e temas que tenham uma real significância, para fazer uma análise de significados sociais dos temas onde os sujeitos se veem num desafio pelo professor que o inspira a enxergar e superar as visões até então distorcidas sobre a sociedade em que vive e assim poder se posicionar conscientemente sobre este mundo, ou sobre esta sociedade.

Desta forma, o tema é explorado pelo educando onde este, juntamente com seus pares, faz uma reflexão sobre os problemas sociais onde está inserido, para criticamente ter uma tomada de posição a respeito de sua sociedade abrangendo um todo de sua comunidade e para além dela. Esta interação social é defendida por Freire ao recomendar que:

Daí a necessidade fundamental que tem o educador popular de compreender as formas de resistência das classes populares, suas festas, suas danças, seus folguedos, suas lendas, suas devoções, seus medos, sua semântica, sua sintaxe, sua religiosidade (FREIRE, 1993, p. 48).

Podemos dizer que para o professor trabalhar com temas geradores é imprescindível conhecer a realidade e contexto do educando e assim se comprometer com o saber popular e a história onde este está inserido, não esquecendo que ele, como educador, também é parte integrante deste contexto.

Agora que já analisamos alguns aspectos de como devemos contextualizar o ensino da modalidade EJA podemos direcionar nossa pesquisa amiúde para a pergunta que deu origem a esta pesquisa: Afinal, como pode ser o ensinar e aprender ciências na EJA?

Para tanto é preciso conhecer a ótica dos estudantes da EJA em relação à disciplina de ciências, com seus conteúdos e métodos de ensino utilizados nas aulas. Se o professor de ciências está correspondendo às expectativas dos discentes trazendo reflexões que possam ir além dos currículos e assim possibilitando que os estudantes perpassem as suas realidades tornando-se pessoas com mais autonomia, criticidade e que possam se reinventar juntamente com seus pares para o viver bem e construir sua própria condição humanística como sujeito histórico social. Assim, a modalidade EJA possa possibilitar este autodesenvolvimento ao educando preparando-o para o mundo do trabalho e para além dele, ou seja: na vida e com a vida, conforme legado de Freire.

4. DISCUSSÃO E ANÁLISES DOS RESULTADOS

4.1. *Locus* da Pesquisa

Para situarmos o município de Imbé, onde a pesquisa foi realizada trazemos a lume um breve relato sobre a cidade.

Localizado no Litoral Norte do Estado do Rio Grande do Sul, distante da capital gaúcha, Porto Alegre, com acesso pela BR 290 (Free-Way), RS 030, RS 389 (Estrada do Mar) e RS 786, o que possibilita receber turistas e veranistas nas quatro estações do ano. O município se limita ao nordeste com a divisa política do município de Osório e ao sudoeste com o canal da barra do Rio Tramandaí. A noroeste com a Lagoa de Tramandaí e o canal de mesmo nome e ao leste com o Oceano Atlântico, situando-se geograficamente entre os municípios de Osório e Tramandaí, segundo o site da prefeitura municipal de Imbé e IBGE (2016)³.

A estimativa de população é de aproximadamente 20 mil habitantes e estes se chamam imbeenses. A população é composta de nativos e de migrantes de diversos outros municípios e estados. Sua área é de 39.549 km² e a densidade demográfica é de 513,14 habitantes por km². O clima é subtropical úmido. Com um PIB de R\$ 172.495.668 mil e PIB per capita de R\$ 10.824,28 mil e IDH-M de 0,819. Sua praia é muito procurada por esportistas, especialmente surfistas, devido às ondas que se formam nas suas águas. O animal-símbolo é o boto (*Tursiops truncatus*).

Embora tratar-se de um município litorâneo não tem sua economia baseada apenas na pesca e sim em serviços voltados ao turismo, comércio e construção civil.

As escolas oferecidas à população atualmente são em número de dezessete escolas municipais, duas estaduais. Sendo que a oferta de EJA encontra-se na Escola Estadual de Ensino Médio 9 de Maio e na Escola Municipal de Ensino Fundamental Estado de Santa Catarina, onde se deu o *locus* desta pesquisa.

A escola está situada no centro da cidade de Imbé/RS, com prédio novo, inaugurado em 24 de setembro de 2016. Possui rampas para acessar o pátio e as dependências no primeiro piso e não possui rampas para acessar o segundo piso onde funcionam as aulas no módulo III, e módulo IV. Tem aproximadamente 834

³ Disponível em: <http://www.imbe.rs.gov.br/> acesso em 15 de julho de 2019.

estudantes entre o diurno e o noturno, sendo 639 no Ensino Fundamental diurno e 195 na EJA noturno.

A escola possui uma ótima estrutura pedagógica, com laboratório de informática com acesso à internet banda larga, laboratório de ciências, biblioteca, sala de vídeo e auditório, quatro banheiros e uma sala de depósitos e refeitório. Possui amplo pátio, onde se localiza o ginásio de esportes. Tem espaços de convivência, descanso e refrigério. As dependências são bem limpas. Apesar de amplo espaço, não possui uma horta escolar. Há normas de segurança nos laboratórios, bem como no restante da escola. Os extintores de incêndio ficam na sala da diretora e vice-diretor. Existem normas para atraso e situações de conflito: o estudante que chega atrasado, só pode entrar para assistir aula no próximo período e com o visto do vice-diretor. Não é permitido o uso de aparelhos celulares em sala de aula, enquanto as atividades não forem efetuadas; não é permitido ir ao banheiro durante as aulas, salvo estudantes que possuam atestado médico. Estudantes em situações de conflito, se maiores de idade assinam atas, se menores os pais ou responsáveis são chamados a comparecer na escola.

A EJA é distribuída por módulos: o módulo I representa o 1º e 2º e 3º ano, o módulo II representa o 4º e 5º ano, o módulo III representa o 6º e 7º ano e o módulo IV representa o 8º e 9º ano. Os módulos finais, III e IV têm turmas A e B. As avaliações são trimestrais, onde a média é seis. Existe a semana de provas e o “provão” para estudantes que não alcançarem a média exigida. As reuniões são às quartas-feiras com toda a equipe pedagógica e o Conselho de Classe precede as avaliações finais, a cada trimestre. Há um Pré - Conselho Participativo com cada turma. Os estudantes da EJA não costumam fazer saídas de campo. A escola é composta pelos seguintes profissionais: Diretora, dois vice-diretores (diurno e noturno), duas supervisoras (diurno e noturno), duas orientadoras pedagógicas (diurno e noturno), sessenta e sete professores no diurno e treze no noturno, um responsável pelos laboratórios tanto no diurno quanto no noturno, uma responsável pela Biblioteca no diurno e outra no noturno, dois auxiliares de disciplina (diurno e noturno), duas secretárias (diurno e noturno), duas cozinheiras (diurno e noturno), duas auxiliares do serviço de limpeza (diurno e noturno).

Há um relacionamento amistoso entre a comunidade escolar. A equipe de apoio pedagógico e professores demonstram preocupação com o processo de ensino e aprendizagem dos estudantes. A escola ainda utiliza o sistema de “espelho de classe”;

colocação feita pela orientadora da escola pesquisada e observada pela pesquisadora, sendo que a mesma esteve à frente de uma das turmas, quando realizou o primeiro estágio supervisionado, como parte do Curso de Licenciatura em Educação do Campo: Ciências da Natureza. O “espelho de classe” é algo mal visto pelos estudantes que alegam ser algo desnecessário, por não serem mais crianças.

Tratando-se da coleta de dados, destacamos que foram realizados questionários com quatorze estudantes dos módulos finais do Ensino Fundamental – EJA, sendo 05 do módulo 3B e 09 do módulo 4B, que correspondem ao 6º e 7º ano e 8º e 9º ano do ensino sequencial. Cabe salientar que assim que os questionários foram entregues, foi explicado que o foco era aulas de nas aulas de Ciências, mas que poderiam ficar à vontade para mencionar outras áreas.

4.2. Perfil dos sujeitos da EJA

Os sujeitos da pesquisa totalizaram quatorze estudantes, dentre eles, oito homens e seis mulheres com idades de quinze a cinquenta e um anos, conforme tabela 1. Nota-se que as mulheres, neste caso, são a minoria. Observa-se ao longo da pesquisa, que nesta escola a presença maior é de homens. Poderíamos nos questionar sobre esse fator. Quais seriam os motivos para os homens serem a maioria? Será que as mulheres conseguem estudar no tempo considerado “certo” ou talvez não tenham acesso à EJA por motivos tantos, que poderia nos levar a outras pesquisas.

Tabela 1: Idade e sexo

Nome	Idade	Sexo
E. 1	15	Feminino
E. 2	16	Feminino
E. 3	16	Feminino
E. 4	27	Feminino
E. 5	40	Feminino
E. 6	51	Feminino
E. 7	15	Masculino
E. 8	15	Masculino
E. 9	16	Masculino
E. 10	16	Masculino
E. 11	17	Masculino
E. 12	18	Masculino

E. 13	21	Masculino
E. 14	39	Masculino

Fonte: elaborado pela autora

Percebe-se que são quatro alunos que estariam na idade considerada como adultos, sendo três mulheres e um homem. Para fins deste recorte estamos considerando a faixa etária da juventude com o recorte etária até 24 anos, segundo o IBGE, ONU e o Estatuto da Juventude Brasileira⁴. Porém, algumas políticas públicas direcionadas para a juventude consideram a faixa etária de 19 aos 29 anos. Brasil.

Podemos observar que os estudantes são na sua maioria Jovens. Esta realidade mostra que há necessidade da EJA para atender uma população que não conseguiu estudar em tempo considerado “adequado” no ensino sequencial.

Sobre a cidade de moradia, constatamos que os estudantes em sua totalidade residem no município de Imbé. Observa-se que nesta escola não há estudantes dos municípios vizinhos: Seria pelo fato destes municípios também ofertarem a modalidade EJA no Ensino Fundamental?

Até o ano de 2018, o município de Tramandaí oferecia a EJA no Ensino Fundamental, na EMEF General Luiz Dentice, mas atualmente a modalidade não é mais ofertada neste município. Para onde vão os sujeitos que necessitam da EJA no Ensino Fundamental, do município de Tramandaí, já que não aparecem na EJA do município de Imbé? Fica a pergunta sem ser respondida neste trabalho e talvez possa ser fruto de uma pesquisa futura.

Ao perguntarmos sobre como produzem a subsistência, tivemos a confirmação de que a maioria dos estudantes é sustentada pelos familiares e não possuem trabalho ou fonte de renda, é o que declaram os sujeitos E1, E2, E3, E4, E7, E8, E9 e E10. Observa-se que são justamente os mais jovens, assim temos um percentual alto de pessoas que estudam à noite, mas não trabalham durante o dia. Já os estudantes que trabalham são seis, sendo que apenas um E14 possui carteira assinada, os demais E5, E6, E11, E12 e E13 não têm vínculo formal empregatício.

Diante de tais fatos, podemos dizer que talvez haja uma carência de empregos no município de Imbé, bem como nos municípios vizinhos nesta época do ano. Lembrando que o litoral norte tem uma característica de empregos sazonais e a

⁴ Disponível em <http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/509232/001032616.pdf>. Acesso em 15 de julho de 2019.

pesquisa foi realizada num período fora do veraneio, o que talvez seja uma das explicações para o resultado obtido.

Os municípios do litoral norte oferecem oportunidades de empregos durante os meses de verão, que movimentam as praias gaúchas a partir de novembro e são voltadas essencialmente para atender a demanda de dois setores: serviços e comércio. As pessoas que residem no município de Imbé, também arrumam emprego temporário nos municípios de Osório, Tramandaí, Capão da Canoa e Xangri-Lá.

Segundo a Fundação Gaúcha do Trabalho e Ação Social (FGTAS), nos municípios de Imbé, Tramandaí, Capão da Canoa e Osório foram 345 postos de trabalho abertos para a temporada de verão 2018/2019. Boa parte das empresas inicia o período de contratações no mês de outubro, especialmente para preparar os novos funcionários visando à prestação de atendimento qualificado aos veranistas e turistas que optam em descansar nas praias do Rio Grande do Sul até o mês de março.

A diretora do Departamento de Relações com Mercado de Trabalho do Sistema Nacional de Empregos (SINE), Ana Rosa Fischer⁵, enaltece que em um período de grande desemprego, as ocupações de três a quatro meses são fundamentais para a economia da região. “É um tipo de boa solução para todos”, explica. Além disso, há um fluxo de empregadores que buscam o litoral, tanto no mercado formal, quanto informal, nesta fase do ano. “A grande maioria dos trabalhadores contratados são pessoas da própria região, mas observamos esta movimentação de pessoas, de outros locais para estas cidades, porque o foco está voltado para o litoral neste período”, acrescenta. A movimentação de veranistas nas praias do litoral norte é um incremento essencial na renda das famílias e, conseqüentemente, um reforço importantíssimo nos cofres das prefeituras.

Mediante tais fatos relacionados ao período de emprego que o litoral norte oferece na época de veraneio, podemos compreender os anseios dos sujeitos-educandos da EJA, em terminar rapidamente seus estudos para ter uma chance e pleitear um serviço, que possibilite ganhos pelo menos em um determinado espaço de tempo, assim colaborando com a renda familiar como podemos constatar por meio da tabela a seguir.

⁵ Disponível em: diariocachoerrinha.com.br/_conteudo/noticias/região/2018/11/2345465-praia-abre-mais-de-340-vagas-para-emprego-temporario.html. Acesso em 14 de junho de 2019.

Tabela 2: Respostas para a pergunta: Por que escolheu a EJA?

E. 1	Quero terminar o ensino fundamental mais rápido para poder trabalhar.
E. 2	Para poder trabalhar e cuidar da minha irmã.
E. 3	Para me ajudar e não perder mais tempo.
E. 4	Para concluir os estudos e trabalhar.
E. 5	Por causa da minha idade. É mais rápido. E preciso trabalhar.
E. 6	Quero terminar o ensino médio e prestar concurso.
E. 7	Para terminar logo os estudos.
E. 8	Para concluir os estudos e trabalhar.
E. 9	Para recuperar os anos perdidos.
E. 10	Porque quero trabalhar no “Jovem Aprendiz”.
E. 11	Porque é um modo fácil e rápido de terminar os estudos.
E. 12	Para terminar mais rápido os estudos e trabalhar.
E. 13	Pra terminar logo os estudos e trabalhar.
E. 14	Para aprender um pouco mais.

Fonte: elaborado pela autora

Ao conviver com os sujeitos da EJA, observa-se que há uma pressa em concluir logo os estudos, visando o mundo do trabalho e buscando recuperar algo que não fizeram em tempo hábil. Nessa pesquisa, cinquenta por cento dos respondentes diz querer a EJA por ser mais rápida ou para concluir logo os estudos. Assim o quesito “tempo” é enfatizado pela maioria.

Esta pressa em terminar logo os estudos, principalmente em se tratando de sujeitos educandos tão jovens, pode demonstrar certa falta de interesse não dando importância para a aprendizagem, querendo apenas passar por esta etapa da vida automaticamente. Deste modo o estudante deixa para trás a excelência que poderia ser dada ao conhecimento, com a finalidade de mudar para o viver bem.

Por outro lado, o querer passar logo o tempo de estudos nos faz entender que não dão importância para a aprendizagem neste momento de suas vidas ou talvez seja a pressa de mudar de vida.

Destaca-se que E14 menciona ter escolhido a EJA “Para aprender um pouco mais”. Sendo que uma das reais funções da EJA é justamente a educação ao longo da vida, pois é uma concepção formulada pela UNESCO (1976, 2010), de fundamental importância em se tratando de modalidade EJA. Uma vez que a educação ao longo da vida está diretamente ligada ao aprendizado escolar, no entanto esta educação deve contribuir para uma sociedade mais justa. Para tanto é preciso que a educação auxilie na socialização do sujeito, pois o estudante ao aprender se relacionará com outros indivíduos, seja no espaço informal, no mundo do trabalho ou

na vida social e todo o aprendizado servirá para ser exposto de maneira consciente para o bem comum.

Entendemos que quando a pessoa estuda está ganhando conhecimento e se qualificando perante a sociedade para entender melhor o contexto social, político e econômico. É necessário estudar sempre, pois estudar novos assuntos ou aperfeiçoar os conhecimentos eleva o ser humano em sua criatividade e intelectualidade.

Outra fala que destacamos é o desejo da estudante E6 “Quero terminar o ensino médio e prestar concurso”. Aqui temos uma estudante que pretende seguir estudando e o mais interessante é que é a aluna com mais idade da turma, com 51 anos. Entendemos que não existe idade para aprender. Uma pessoa pode continuar estudando e aprendendo independentemente da idade. Pode fazer cursos para melhorar o currículo e até mesmo para ingressar na faculdade ou ainda prestar um concurso público como a estudante aqui se refere para tentar uma vaga no mundo do trabalho.

Uma pesquisa feita em 2017, pela Price Waterhouse Coopers e pela Fundação Getúlio Vargas, tem dados que mostram que emprego acima dos 50 anos é possível, pois as empresas querem unir a vontade dos mais jovens, com o potencial das pessoas mais velhas e assim unindo essas duas experiências conseguir ter sucesso e alcançar maior produtividade. Segundo a pesquisa, profissionais mais velhos tendem a criar vínculos com as empresas e se comprometem com resultados coletivos. Os jovens são mais imediatistas e ambiciosos. Isso faz com que muitas empresas contratem os mais experientes. A pesquisa ainda traz que o envelhecimento dos brasileiros é uma tendência e pensando nisso, várias empresas estão começando a anunciar emprego para pessoas acima dos 50 anos e pretendem contratar, exclusivamente, profissionais acima dos 50 anos. Esta iniciativa começou no ano de 2017. Assim, o desejo da estudante E6 de continuar os estudos para prestar um concurso é de grande relevância, uma vez que a tendência do mercado de trabalho é oportunizar que esse anseio se realize.

Os E1, E2 e E10 mencionaram que querem estudar para poder trabalhar. Ao conversar com estes estudantes, foi possível perceber que pretendem concluir o Ensino Fundamental e logo em seguida tentar uma vaga de emprego no município de Imbé ou talvez nos municípios vizinhos. Trata-se de jovens com 15 e 16 anos que ambicionam mais tarde fazer o Ensino Médio e tentar uma faculdade. Talvez pelo fato

de serem sustentados pelos pais e precisarem auxiliar a família com uma renda extra, pensem em conseguir logo um emprego.

A responsabilidade com esses jovens da EJA passa pelas autoridades governamentais e também pela escola com seus educadores, onde o currículo deve atender essas necessidades, pois são jovens em busca do sustento que precisam ingressar rapidamente no mercado de trabalho. Logo, é preciso que os educadores de EJA tenham um olhar diferenciado para esses sujeitos usando da criatividade e da pesquisa algo imediato para que sirva de apoio em sua futura jornada de trabalho. É preciso que o professor esteja consciente de seu dever. Conforme Paulo Freire (1997), “ensinar exige pesquisa e ensinar exige paciência”.

Outra pergunta foi se eles “encontram dificuldades nas aulas de ciências”. A resposta foi unânime: Não. Os motivos para isso foram trazidos pelos estudantes E2, E7, E8, E10 e E11:

Os professores são ótimos E2. Porque os professores explicam bem E7. Gosto de Ciências E8.

Ciências é boa E10. Porque é minha matéria favorita E11. Nota-se que os estudantes estão satisfeitos tanto com o conteúdo de Ciências, quanto com o ensino de seus professores.

Apesar de demonstrarem satisfação com as aulas de ciências, quando entramos na próxima pergunta a respeito de “Como gostaria que fossem desenvolvidas as aulas de ciências”, os estudantes mencionaram que gostariam de algumas mudanças na metodologia dos professores. Os sujeitos E1, E2, E3, E4, E5, E7, E9, E11 e E13 responderam que gostariam que as aulas tivessem mais diálogo, pesquisa e prática.

Pelas respostas percebe-se uma insatisfação com a metodologia utilizada pelos professores, uma vez que a maioria pede aula mais dialogada com pesquisas e prática das mesmas. Nota-se a importância de que os professores que trabalham com a EJA prestem atenção para a necessária mudança nas práticas educativas direcionadas aos jovens e adultos. Assim, podemos dizer que é preciso uma metodologia que capacite os estudantes a aprender pela investigação, como meio para o desenvolvimento do pensamento científico. Conforme Paulo Freire nos ensina, é preciso formar o educando a ser um pesquisador e para que isto ocorra, as respostas devem ficar inacabadas. O educando deve buscar um conhecimento a mais sobre determinado assunto, sendo ele o pesquisador juntamente com o professor.

Com a pesquisa, o professor pode ensinar a criticidade, ou seja, levar o educando a ter pensamento crítico, a questionar, a indagar sobre as coisas. Ensinar a ser curioso, não dispensando a experiência das vivências destes sujeitos.

Consideramos que quando o estudante é apresentado à ciência, ele traz consigo variadas opiniões já enraizadas sobre si mesmo e sobre o mundo, que fazem parte de sua forma de ser e agir como sujeito. Para Bachelard (1996), o aprendizado requer do sujeito a capacidade de substituir suas noções sobre o mundo por conceitos científicos. Assim o autor em seu livro “A Formação do Espírito Científico”, aponta a dificuldade que tem o educador em ciências em seu labor:

Os professores de ciências imaginam que o espírito começa com uma aula, que é sempre possível reconstruir uma cultura falha pela repetição da lição, que se pode fazer entender uma demonstração repetindo-a ponto por ponto. Não levam em conta que o adolescente entra na aula de ciências com conhecimentos empíricos já constituídos: não se trata, portanto, de adquirir uma cultura experimental, mas sim de mudar de cultura cotidiana. (BACHELARD, 1996, p.23).

Pode-se dizer que se trata de um trabalho de argumentação e convencimento, no sentido de levar o estudante a aceitar a nova concepção, que lhe é apresentada, mediante uma reflexão. Assim, o professor passaria a ter em mente que é necessário grande esforço para substituir uma concepção estanque por uma em movimento.

Ainda, segundo Bachelard (1996), é preciso apresentar ao estudante argumentos para que ele mude de paradigma, para que adote a concepção que lhe é apresentada. O autor sugere que se dê ao estudante a oportunidade de apresentar seus argumentos e questionar seus colegas. Pois o estudante a quem se ensina, também deve ensinar, pois o ensino que se recebe difere, daquele que se ministra. “Quem recebe instrução e não a transmite terá um espírito formado sem dinamismo e autocrítica” (BACHELARD, 1996, p.300).

Talvez os argumentos citados pelos estudantes incitem os professores buscar um olhar diferenciado em seus métodos utilizados até então. Entendemos que aquele que está em sala de aula para aprender, também pode ensinar. O ensinar não está atrelado ao professor, uma vez que não se trata de transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou construção.

Os professores ensinam e aprendem com os educandos e os educandos aprendem e ensinam seus professores. Quando o estudo começa, claro que o professor conhece melhor o objeto de estudo do que os educandos. Mas, o professor

reaprende por meio dos processos de reestudar, rediscutir, revisar, corrigir os trabalhos dos estudantes e de incorporar os questionamentos e as novas referências que os estudantes trazem. É nesse sentido que ensinar não é transferir informação de modo unilateral e encher a cabeça dos educandos como se eles fossem algo vazio.

A docência e a discência andam juntas, onde as duas se explicam a seus sujeitos e apesar das diferenças, não se reduzem à condição de objetos um do outro. No entanto, ambos precisam de motivação para permanecer ali, onde as aulas podem ser cada vez mais atrativas.

Segundo Paulo Freire (1997), “Não há docência sem discência”. Este princípio entende o valor pedagógico do diálogo. Logo não há professor sem educando, onde o professor ensina e o educando aprende e vice-versa. Assim, ensinar exige rigorosidade metódica, sendo que o professor precisa de um método, de um planejamento de intencionalidade. Para planejar passo a passo é necessário ter uma organização metódica. E para uma rigorosidade metódica é preciso motivação que difere de pessoa para pessoa. O professor precisa estar motivado para motivar o educando.

Para Huertas (2001), a motivação é entendida como um processo psicológico, ou seja, ela é proporcionada por meio dos componentes afetivos e emocionais. É a energia psíquica do ser humano. São vários os atributos que influenciam na motivação da pessoa, contudo, ela se mostra de forma diferente para cada indivíduo, visto que estes possuem diferentes metas, expectativas e formas de enfrentar as tarefas e a vida.

Ainda sobre a questão sobre as aulas de Ciências, os demais estudantes E6, E8, E10 e E12 responderam que “está bom assim”. O E14 que gostaria que as aulas tivessem “menos períodos”, trazendo novamente a importância do fator tempo, demonstrando querer concluir logo seus estudos.

Tabela 3: Quais as dificuldades que você encontra para concluir os estudos?

E. 1	Nenhuma.
E. 2	Nenhuma.
E. 3	Falta de memorização é minha maior dificuldade.
E. 4	Nenhuma.
E. 5	Sofro com a matemática. Tendo ônibus escolar ajuda muito.
E. 6	Nenhuma.

E. 7	Nenhuma. Tenho um pouco de preguiça de pensar.
E. 8	Português.
E. 9	História me dificulta a vida.
E. 10	Nenhuma.
E. 11	O modo de avaliar os alunos por números. Acho que alguém que tira um 10 não quer dizer que é tão inteligente. Nós somos muito mais que isto.
E. 12	As provas.
E. 13	Nenhuma. Só parei de estudar porque na época tive que trabalhar.
E. 14	Nenhuma. Não mudou muita coisa do tempo que eu parei de estudar.

Fonte: elaborado pela autora

Os estudantes E1, E2, E4, E6, E7, E10, E13 e E14 responderam que não sentem nenhuma dificuldade com as aulas ministradas. E nenhuma das respostas demonstra problemas com as aulas de Ciências. Uma estudante E3, diz ter dificuldade para memorizar a matéria, outra E5, se refere à Matemática e coloca o ônibus escolar como algo positivo. Entre os demais estudantes várias dificuldades são apontadas. Desde dificuldade com o Português E8, História E9, métodos de avaliação dos professores E11, até problemas com Provas E12.

Tabela 4: Você considera importante tematizar o contexto dos estudantes na escola?

E. 1	Sim. Porque fala a minha realidade.
E. 2	Sim e muito.
E. 3	Sim. Entendo melhor se falam das coisas que eu vivo no dia a dia.
E. 4	Sim. É importante falar da nossa vida.
E. 5	Sim. Me ajuda a entender melhor.
E. 6	Sim.
E. 7	Sim. Tematizar meu futebol que eu gosto.
E. 8	Claro. Daí dá pra entender melhor.
E. 9	Eu acho. Porque fala sobre mim.
E. 10	Não respondeu.
E. 11	Sim. Se falar minha realidade entendo melhor.
E. 12	Com certeza.
E. 13	Sim. Se falar do meu dia a dia entendo melhor.
E. 14	Não.

Fonte: elaborado pela autora

Oitenta por cento das respostas foram afirmativas. A maioria dos estudantes prefere que os professores contextualizem suas realidades para compreenderem melhor o conteúdo das aulas. Isso demonstra que os estudantes aprendem melhor se o professor trabalhar aquilo que é do contexto dos mesmos para que estes se sintam

pertencentes ao grupo e das práticas pedagógicas que estão sendo elaboradas em sala de aula. Assim, o professor deve respeitar os saberes do educando: levar em conta seus conhecimentos prévios, suas vivências fora da escola, tudo que eles vivenciam em seus contextos geográficos e históricos. Por isto é importante o professor conhecer a realidade do educando para despertar e manter a curiosidade do estudante que é inerente ao ser humano. Segundo Paulo Freire (1997) “Sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não aprendo nem ensino”. Tivemos um estudante que não respondeu E10 e outro que respondeu negativamente E14.

Tabela 5: Como você vê a organização curricular da EJA e o que deveria ser diferente na organização curricular para atender as necessidades dos estudantes da EJA ?

E. 1	Poderia tirar a educação física.
E. 2	Poderia ser um resumo de tudo que vamos usar lá fora.
E. 3	Tá bom assim.
E. 4	Tá bom assim. Os conteúdos estão ótimos.
E. 5	Menos aulas de artes.
E. 6	Bom. Estou aprendendo o que vou precisar depois.
E. 7	Acho bom. Estão fazendo como tem que ser.
E. 8	Deve continuar a entrada com 15 anos e não 18.
E. 9	Não respondeu.
E. 10	Está como tem que estar.
E. 11	Boa. Quem faz deve saber o que está fazendo. Pra que mudar?
E. 12	Está tudo certo. Não dá pra mexer muito.
E. 13	Pra mim está perfeito como está.
E. 14	Não respondeu.

Fonte: elaborado pela autora

Ao dialogar com os estudantes sobre currículos e possíveis mudanças podemos perceber que a maioria aceita a realidade curricular da EJA como se encontra na atualidade, assim responderam E3, E4, E6, E7, E11, E12 e E13. Esses dados trazem um panorama de pessoas que, aparentemente, não se preocupam muito em mudanças de currículo. Isso leva a conclusão de que apenas querem concluir logo os estudos sem pensar muito em quem estudará depois deles. Mais uma vez o fator tempo se apresenta aqui.

Algumas respostas são curiosas. Temos três estudantes que gostariam que algumas mudanças ocorressem na organização curricular para melhor atender suas expectativas. A E1 dispensa a Educação Física, a E2, quer aulas mais resumidas e a E5, cita a quantidade das aulas de Educação Artística, demonstrando que as mesmas deveriam ser mais resumidas.

É curioso que a E1 queira dispensar as aulas de Educação Física, uma vez que é jovem e no mundo em que vivemos há um apelo pela busca de uma vida “ativa” principalmente entre os jovens. No diálogo com essa jovem podemos perceber que ela não reconhece o valor da Educação Física dentro do espaço da EJA, alegando que ela pode ter exercícios gratuitos em outros espaços, já que o município de Imbé oferece essa oportunidade. A estudante explicou que a Educação Física tira as horas de outras matérias que são dadas às pressas.

O E8 enfatiza que o ingresso na EJA deve continuar aos 15 anos e não aos 18 anos como ele ouviu falar. Aqui cabe uma reflexão: Em diálogo com esse jovem indagamos como ele teve acesso a essa informação, já que se trata da Resolução nº 343, de 11 de abril de 2018 e ainda não foi implementada nas escolas. O jovem alegou que em sua escola algumas pessoas já estavam falando na nova mudança de acesso à EJA a partir de 02 de janeiro de 2020. Inclusive mencionou que o monitor da escola dava ênfase a esse fato com muita satisfação, porque concordava que realmente a idade mínima de acesso à EJA Ensino Fundamental deveria ser aos 18 anos e não aos 15 anos.

Acreditamos que elevar a idade mínima de acesso à modalidade EJA, poderá causar outro problema, onde os jovens repetentes ou que pararam de estudar, mas estão entre 15 e 17 anos, talvez fiquem sem assistência escolar uma vez que estão velhos para o ensino sequencial e muito jovens para a EJA. Pois de acordo com a demanda, os municípios devem oferecer a modalidade no diurno, mas vai depender da realidade de cada município. Acreditamos que é mais uma preocupação para as políticas públicas resolverem.

Na pergunta “O que você acha da modalidade EJA?” 100% dos estudantes responderam que é muito boa a modalidade. Mais uma vez enfatizaram o tempo perdido e a possibilidade de terminar rapidamente os estudos E1, E2, E3, E4, E5, E6, E7, E8, E10, E11, E12 e E13.

Sabemos que a modalidade EJA Ensino Fundamental oferece a chance de o educando recuperar os estudos, que não pode efetuar em “idade adequada” e como

podemos ver a maioria vê na modalidade a via rápida como recuperar o tempo perdido decorrente da evasão escolar ou da defasagem idade e série, tornando-se uma alternativa escolar mais viável para esses sujeitos.

Devido ao horário reduzido da EJA, torna-se adequado àqueles que trabalham ou que pretendem trabalhar, sendo que poderá concluir seus estudos e recuperar parte do tempo que perdeu no ensino sequencial. Assim a EJA dá a chance e cumpre sua função de reinserir no sistema educativo a diversidade e a inclusão que se propõe por àqueles que não estudaram na idade considerada adequada pelo senso comum.

Dois estudantes E9 e E14 se referiram a modalidade como uma nova chance para estudar e se acham satisfeitos com essa oportunidade.

Na Tabela a seguir, nota-se que os estudantes são gratos pela modalidade EJA.

Tabela 6: O que a modalidade EJA representa para você?

E. 1	Oportunidade.
E. 2	Ótima ajuda. Nova oportunidade.
E. 3	Algo bom. Sou agradecida. Uma nova oportunidade.
E. 4	Oportunidade.
E. 5	Oportunidade de ir para a faculdade.
E. 6	Nova oportunidade para terminar logo os estudos.
E. 7	Meu futuro na faculdade. Oportunidade de chegar lá.
E. 8	Nova oportunidade.
E. 9	Nova oportunidade.
E. 10	Nova oportunidade.
E. 11	Muito mais que uma forma de estudar. Saio de casa, faço amigos e como bem.
E. 12	Uma nova oportunidade.
E. 13	Oportunidade de mudar de vida.
E. 14	Uma oportunidade de futuro melhor.

Fonte: elaborado pela autora

Os estudantes são gratos pela nova oportunidade oferecida pela EJA, assim mencionado por 90% dos estudantes E1, E2, E3, E4, E5, E6, E7, E8, E9, E10, E12, E13 e E14. Os E5 e E7 responderam que têm desejo de ir para a faculdade.

A resposta do E11 foi muito curiosa, pois o estudante citou a alimentação como um fator importante, fazer amigos e isso além de estudar. Ainda no século XXI há estudantes que vão para a escola com o intuito de se alimentar. Entendemos que a EJA é um espaço onde professores e estudantes podem trocar aprendizados e

vivências, onde a tensão e a discordância também fazem parte do conhecimento e crescimento para todos os envolvidos no processo. Como espaço multicultural pode se tornar prazeroso para alguns estudantes que encontram em seus pares, condições psicológicas para seu desenvolvimento como cidadãos. Por isto é tão importante o espaço escolar da EJA ser acolhedor tanto para os professores, quanto para os educandos, conforme nos diz Paulo Freire (1997) “Importante na escola não é só estudar, não é só trabalhar, é também criar laços de amizade, é criar ambiente de camaradagem, é conviver, é se ‘amarrar nela!’”.

Ao perguntarmos “Você já se sentiu discriminado por estudar na EJA?”, apenas o E11 respondeu afirmativamente e ainda acrescentou “Acho que estudar na EJA é pra vagabundo”. Este estudante havia mencionado, em questão anterior, que a EJA além de uma forma de estudar também é para ele fazer amigos, onde procura seus pares para conviver. Com a fala dele identificamos que ele encontra espaço na EJA para fugir de sua realidade, pois nos revelou que o consideram vagabundo, trazendo um aspecto hostil do meio em que vive. A seguir podemos observar que a maioria pretende continuar estudando.

Tabela 7: Você pretende continuar os estudos no Ensino Superior?

E. 1	Sim. Terminar o Ensino Médio e ir pra faculdade.
E. 2	Sim. Prestar um concurso público. Depois ir pra faculdade.
E. 3	Sim. Fazer Ensino Médio. Ir pra faculdade.
E. 4	Sim. Quero ir para a faculdade.
E. 5	Sim. Pretendo fazer Assistência Social.
E. 6	Sim. Fazer Ensino Médio e faculdade.
E. 7	Sim. Quero me formar no Ensino Médio. E depois ir pra faculdade.
E. 8	Fazer o Ensino Médio.
E. 9	Sim. Quero ir pra faculdade.
E. 10	Não. Só completar o Ensino Médio.
E. 11	Quero fazer o Ensino Médio apenas.
E. 12	Vou fazer o Ensino Médio.
E. 13	Sim. Quero fazer ENEM e tentar uma faculdade.
E. 14	Não. Terminando o Ensino Fundamental tá bom.

Fonte: elaborado pela autora

Observamos que 100 por cento das mulheres responderam que querem seguir seus estudos e ingressar em uma faculdade E1 a E6, enquanto que 30 por cento dos homens responderam da mesma forma E7, E9 e E13. Apenas o E14 pretende parar os estudos no Ensino Fundamental. Os estudantes E8, E9, E10, E11 e E12 pretendem

fazer o Ensino Médio e parar os estudos. Interessante as mulheres se destacarem em pretenderem ir para a faculdade. Talvez porque os homens precisam trabalhar para sustentar a família, ou ainda poderíamos destacar a disputa no mundo do trabalho que é crescente entre as mulheres, de acordo com a publicidade midiática. Mas ainda poderíamos conjecturar muitas outras razões para tal resultado.

5. CONCLUSÃO

Quando olhamos para um amplo grupo social como a EJA composta por homens e mulheres de diversas idades, podemos compreender as diferentes inserções dos sujeitos no mundo do trabalho que é definitivamente a razão última que a maioria apresenta como não poder ficar fora da escola. Demonstraram pressa em terminar logo os estudos, alguns com desejo de ir para a faculdade e outros, de completar o Ensino Médio. Somente um deles deseja concluir apenas o Ensino Fundamental.

Podemos observar que as perspectivas dos sujeitos da EJA, bem como seus anseios em relação à escola são vistas como uma oportunidade que lhes dê condições de progredir, sendo que o acesso à educação dessa modalidade hoje como política pública torna-se um direito nos dias atuais.

Este trabalho investigou se a metodologia dos professores de Ciências da EJA Ensino Fundamental está contemplando os anseios dos estudantes, como por exemplo, se eles contextualizam os conhecimentos prévios dos estudantes e se o conhecimento científico está sendo trabalhado em consonância com os desejos dos estudantes com as problematizações necessárias a aprender e ensinar ciências. Cabe mencionar ainda a motivação necessária para ensinar e aprender ciências que de acordo com Bzuneck (2001) a motivação é considerada como a determinante talvez principal do êxito e da qualidade da aprendizagem escolar. A qualidade e a intensidade do envolvimento nas aprendizagens dependem de motivação. Assim,

[...] alunos desmotivados estudam muito pouco ou nada e, conseqüentemente, aprendem muito pouco. Em última instância, aí se configura uma situação educacional que impede a formação de indivíduos mais competentes para exercerem a cidadania e realizarem-se como pessoas, além de se capacitarem a aprender pela vida afora (BZUNECK, 2001, p.13).

Nas respostas dos estudantes podemos perceber que estão satisfeitos com as aulas de Ciências, ressaltando que gostam quando os professores contextualizam suas realidades ensinando por meio de suas experiências cotidianas; mas que as aulas poderiam ter um pouco mais de pesquisa. Logo, conclui-se que estes sujeitos educandos, estariam mais motivados se houvesse mais pesquisa em sala de aula. Apesar de não demonstrarem que querem alguma mudança no currículo, percebe-se que pode haver mudança na metodologia dos professores, apenas dando mais ênfase à pesquisa científica enquanto metodologia de ensino.

Sendo assim, entende-se que o ensino para o estudante de EJA deve ser ativo, onde esse possa estar motivado e em constante formação. Não podemos desconsiderar o sujeito que traz consigo uma realidade pré-concebida, mas que poderá desconstruir alguns paradigmas em prol de novos conhecimentos científicos. Neste sentido, Bachelard (1996), nos ajuda a entender que o sujeito se constrói pela desconstrução de seus erros, de suas crenças e ilusões. Educação para o autor é formação. Vai além da tradicional noção de educação, pois esta foi, por muito tempo, sinônimo de repetição, de memorização, de verdades assumidas como absolutas e, portanto, imutáveis. Para ele o conhecimento não pode apenas ser transmitido ao educando, pois, para que realmente haja aprendizagem e mudança de concepções, o estudante precisa ser convencido racionalmente, pelo exercício consciente da reflexão e da necessidade de agregar novas concepções às suas.

Podemos dizer que precisamos estar atentos à maneira que o ensino de Ciências está sendo direcionado aos estudantes da EJA, visto que o ensino deve trazer aos sujeitos a ligação entre o saber popular e o científico dentro da escola, onde a motivação é necessária para uma eficaz ligação entre os saberes, permeada pela importância e aplicação entre o senso comum e o científico. O papel do professor é de vital importância sendo que uma perspectiva teórica metodológica torna a sua ação diferente de outros professores, pois cada professor como sujeito único, se constitui para o fazer em sala de aula.

Ao concluir esta pesquisa trazemos as reflexões da autora graduanda que diz: participei de três Estágios Supervisionados na EJA, um no Ensino Fundamental e dois no Ensino Médio, como parte do Curso de Licenciatura em Educação do Campo: Ciências da Natureza da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Nessa trajetória de três semestres observei que todos os sujeitos estão frequentando a modalidade

para recuperar o tempo que consideram que perderam na idade considerada adequada. Em diálogo com os estudantes na época de meus estágios, quase que a totalidade, independente de idade anseia melhorar suas condições de trabalho. A exceção ficou com os estudantes muito jovens que se encontram na EJA por questões de repetências consecutivas no ensino sequencial e a escola considera velhos para lá estarem.

No decorrer deste envolvimento, observei a preocupação de um jovem de 15 anos, com a Resolução nº 343, de 11 de abril de 2018, que entrará em vigor apenas em 02 de janeiro de 2020, que traz o acesso a EJA com a idade de 18 anos. O estudante ficou sabendo da Resolução nos corredores da escola com monitor que mencionou o fato, demonstrando satisfação de se “livrar” dos estudantes muito jovens na EJA Ensino Fundamental. Cabe aqui uma pergunta para as autoridades: Onde irão estudar esses jovens que ainda não completaram 18 anos e não os querem no ensino sequencial por terem histórico de repetência e serem velhos no meio dos demais estudantes? Será que os municípios terão condições de oferecer a modalidade no diurno para atender esses sujeitos? São perguntas que precisam ser respondidas pelas autoridades e políticas públicas.

Sabendo que, o contexto educacional dos sujeitos estudantes é reflexo da sociedade atual e principalmente demonstram os problemas educacionais das escolas brasileiras, cabe destacar que o motivo mais citado foi de terminar rapidamente os estudos para futuramente ingressar no mundo do trabalho formal ou sair da informalidade. No entanto como vimos hoje, a maioria está desempregada e os poucos que trabalham não têm carteira assinada.

Sabe-se que a educação sozinha não consegue mudar o contexto social, mas nesse caso onde a EJA é uma modalidade deve ter uma proposta pedagógica que contemple o contexto dos seus estudantes. Com os diálogos com os entrevistados, podemos perceber que no futuro todos anseiam ter acesso ao mundo do trabalho.

Assim, ressalta-se que a “temática trabalho”, deve estar presente nas aulas destes sujeitos e os professores de Ciências, bem como os demais, podem contribuir com este aspecto, pois segundo Antunes (2009) “o trabalho é um elemento logicamente essencial e fundamental da existência humana”. Acreditamos que a disciplina de Ciências tem muito a contribuir para a discussão dessa temática o que

sugere uma nova pesquisa com os professores das escolas sobre como poderiam trabalhar as questões do mundo do trabalho.

Chegamos ao final desse trabalho, temos a certeza de que a educação nos torna pessoas mais felizes e melhores para a sociedade, onde o sujeito-cidadão tem deveres, mas também direitos, sendo um sujeito-histórico em sua integralidade e tendo em vista sua qualidade social, isto é, uma formação no processo ensino-aprendizagem almejando o viver bem, como Freire sempre nos colocou.

Nessa trajetória de pesquisa e estágios que tive com os sujeitos - estudantes da EJA, pude perceber que por unanimidade são gratos por existir a modalidade. Assim, independentemente da situação dos estudantes, sejam jovens, adultos ou mesmo idosos, são pessoas buscando a possibilidade de realizar seus sonhos e assim tornarem-se pessoas mais felizes.

Destacamos, ainda que, com esta pesquisa observamos que o desenvolvimento profissional de professores da EJA é de suma importância, pois contribui para um melhor desempenho dos estudantes. Assim, a escola deve propiciar um ambiente apto para que professores e estudantes possam trabalhar e estudar com autonomia e responsabilidade onde a teoria e a prática possam andar juntas para favorecer o ensino e aprendizagem e desta forma contribuir para uma educação com qualidade social, visando uma sociedade mais humana e igualitária.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo L. C. **Os Sentidos do Trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho**. 2.ed., - São Paulo, SP: Boitempo, 2009.

BACHELARD, Gaston. **A formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BRASIL. SENADO FEDERAL. **Constituição Federal 1998**: texto constitucional de 5 de outubro de 1988 com as alterações adotadas pelas Emendas Constitucionais nº 1/92 a 15/96 e Emendas Constitucionais de Revisão nº 1 a 6/94.-Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. CNE/CEB. **Parecer nº: 11/2000**: Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos. Brasília. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja/legislacao/parecer_11_2000.pdf. Acesso em: 09 dez. 2017.

_____. **Resolução CNE/CEB nº1/2000**. Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação e Jovens e Adultos. <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB012000.pdf>. Acesso em 13 de junho de 2019

_____. Presidência da República. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 19 jul 2018.

_____. Senado Federal. **Estatuto da Juventude: atos internacionais e normas correlatas**. – Brasília: Coordenação de Edições Técnicas, 2013. Disponível em <http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/509232/001032616.pdf>. Acesso em 15 de julho de 2019.

BZUNECK, J. A. **A Motivação do Aluno: Aspectos Introdutórios**. In: BZUNECK, J. A.; BORUCHOVITCH, E. (Orgs). *A motivação do aluno: contribuições da psicologia contemporânea*. Rio de Janeiro: Vozes, 2001. P. 9 – 31.

RIO GRANDE DO SUL. Conselho Estadual de Educação do Estado do Rio Grande do Sul. **Resolução nº 343, de 11 abril de 2018**. Consolida normas relativas à oferta da Educação de Jovens e Adultos – EJA, no Sistema Estadual de Ensino.

FREIRE, Paulo. **Terceira carta. Do assassinato do Galdino Jesus dos Santos – Índio pataxó**. In: FREIRE, Paulo. *Pedagogia da indignação. Cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: UNESP, 2000. P. 31. Texto completo disponível em: <http://portal.mda.gov.br/portal/saf/arquivos/view/ater/livros/Pedagogia_da_Indignação.pdf>. Acesso em: 24 jan 2013.

_____. **Educação e realidade – Educação em prisões**. Porto Alegre, v.38, n.1, p.1 – 381. Jan./mar.2013.

_____. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1993.

_____. **Política e Educação**. 4ª edição. São Paulo. Cortez, 1993.

_____. **Pedagogia da autonomia** – Saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1997.

_____. **A Escola É**: disponível em:
<http://soupedagogia2011.blogspot.com.br/2012/05/biografia-de-paulofreire-nome-completo.html> Acesso em: 04 jun 2019.

FREIRE. Paulo. **Pedagogia da Indignação**: Cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: UNESP, 2000.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. **Pesquisa de Price Waterhouse Coopers**.

GARCIA, Elisete Enir Bernardi. **A política da Educação de Jovens e Adultos em São Leopoldo/RS, na perspectiva de seus sujeitos**. Tese (doutorado) — Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2011.

GHIRALDELLI Júnior, Paulo. **História de educação brasileira**/ Paulo Ghiraldelli Jr. 2. Ed. São Paulo: Cortez, 2008.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa** 4. Editora São Paulo: Atlas, 2008.

HUERTAS, J. A. **Motivación: querer aprender**. Buenos Aires: Aique, 2001.

KUTTER, Ana Paula Zandonai; II EICHLER, Marcelo Leandro. **Um percurso Etnográfico na Pesquisa em Educação em Ciências Biológicas**: Experiências na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Curitiba, PR: Editora CRV, 2012.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M.A. **Fundamentos da metodologia científica**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2001.

LOPES, Deisiane dos Santos. **A formação de professores em EJA nos TCCs da FAGED/UFRGS**: repercutindo o currículo novo da Pedagogia. Trabalho de Conclusão de Curso – Graduação em Pedagogia. UFRGS: Porto Alegre 2012.

MARQUEZ, Sandra. **Currículo e Metodologia na EJA: uma questão em reconstrução**. Trabalho de Conclusão de Curso – Graduação em Pedagogia. UFRGS: São Leopoldo 2010.

PAIVA, Jane. Educação de jovens e adultos: questões atuais em cenário de mudanças. In: **Educação de Jovens e Adultos**/ [orgs. J. Paiva, I. B. Oliveira]. – Petrópolis, RJ: DP et alii, 2009.

PERTILE, Ângela Marin – **EJA: como as peculiaridades desta modalidade de ensino são contempladas na proposta pedagógica e na formação dos professores?** Trabalho de Conclusão de Curso – Graduação em Pedagogia. UFRGS: Porto Alegre 2011.

PREFEITURA MUNICIPAL DE IMBÉ. **Apresentação:** Disponível em www.imbe.rs.gov.br. Acesso em 18 jun 2019.

SANTOS, Márcia Aparecida. **As abordagens metodológicas dos profissionais da EJA.** Trabalho de Conclusão de Curso – Graduação de Pedagogia. UFRGS: Porto Alegre 2010.

SCHONARDIE, Adriana Tomiello. (Des) **Encontros do trabalho docente e trabalho pedagógico na educação de jovens e adultos.** Especialização: Porto Alegre 2012.

SEIDEL. Suzana. **Repensar a educação de jovens e adultos para o público atual dessa modalidade.** Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Curso de Especialização em EJA e Privados de Liberdade (2011). Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/72586>

SCHEIBEL, Maria Fani; LEHENBAUER, Silvana (org.) **Reflexões sobre educação de jovens e adultos – EJA.** Porto Alegre: Pallotti, 2006. 216 p.il.

SOARES, Magda Becker. **Letrar é mais que alfabetizar.** Disponível em: <http://intervox.nce.ufrj.br/edpaes/Magda.html>. Acesso em: 12 mai 2019.

UNESCO. **Declaração de Hamburgo sobre Educação de Adultos - V Conferência Internacional sobre Educação de Adultos.**

Documentos de internet:

https://www.jornalnh.com.br/_conteudo/noticias/região/2018. Acesso em: 14 jun 2019.

<https://pracarreiras.com.br/plano-de-carreira/> emprego acima dos 50 anos: mercado de trabalho olha mais velhos. Acesso em: 15 mai 2019.

<https://webinsider.com.br/um-olhar-voltado-para-a-educacao-de-jovens-e-adultos>. Acesso em: 15 mai 2019.

APÊNDICE 2: TERMO DE CONSENTIMENTO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL CAMPUS LITORAL NORTE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO - CIÊNCIAS DA NAUREZA

Título da Pesquisa (provisório): Os sujeitos da educação de jovens e adultos (EJA) da escola municipal de Ensino Fundamental Estado de Santa Catarina de Imbé – RS: estudantes e professores na relação com o ensinar e aprender ciências

Estudante/Pesquisadora: Mariza Izabel Cavalheiro Ribeiro Ramos

Professora Orientadora: Elisete Enir Bernardi Garcia

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Natureza da pesquisa: Você está sendo convidado a participar desta pesquisa que tem como questão central: as metodologias de ensino utilizadas nas aulas de Ciências têm contemplado as necessidades dos sujeitos estudantes da modalidade EJA?

Participantes da pesquisa: Estudantes da turma 4A (Módulo IV) da EMEF Estado de Santa Catarina no município de Imbé RS

Envolvimento na pesquisa: Ao participar deste estudo, você deverá assinar este termo. Serão realizados questionários individuais a fim de que possamos levantar dados sobre suas experiências/vivências como estudantes da EJA.

Esse procedimento metodológico será realizado de forma que nenhum constrangimento seja ocasionado, sendo respeitada sua opinião e com liberdade de expor seu pensamento livremente. Você terá ainda, a liberdade de se recusar em participar da pesquisa, assim como em não responder algumas questões que não lhe sejam pertinentes, sem qualquer prejuízo. Solicitamos dessa forma, sua colaboração para que possamos obter melhores resultados para a pesquisa. Qualquer informação ou esclarecimento, poderá entrar em contato com a estudante/pesquisadora Mariza Izabel Cavalheiro Ribeiro Ramos com o E-mail: marizahadassa@gmail.com e com a professora/orientadora Elisete Enir Bernardi Garcia pelo email elisete.bernardi@ufrgs.br

Riscos e desconforto: A participação nesta pesquisa não infringe as normas legais e éticas, evitando questões que causem qualquer tipo de constrangimento aos participantes, as respostas das questões serão mantidas em anonimato,

